



A INSUBMISSÃO DAS MULHERES CAMPONESAS.¹

Isaura Isabel Conte². UNIJUI

este artigo vai abordar a temática das mulheres camponesas de forma geral, elucidando subversões desde as indígenas, negras e imigrantes. Será trazido, também processos de lutas e como as mulheres aparecem neste cenário, concebido hegemonicamente masculino, haja vista a conotação patriarcal. São rememorados nomes de lutadoras quase que “apagados”, ou que pouca importância possuem na história “oficial”. É dada ênfase ao patriarcado e suas consequências sobre a vida das mulheres na sociedade de classes. Por fim, como que para celebrar a queda de um teimoso silenciamento, são citados os processos de lutas mais recentes desencadeados por mulheres da Via Campesina do Brasil. Este artigo tem como objetivo proporcionar reflexões para além da vitimização atribuída às mulheres camponesas, algo que, via de regra, prevalece quando se trata delas historicamente. Junto a isto, colocar uma versão que pouco aparece no espaço midiático, sobre as lutas de enfrentamento ao capital que elas têm desencadeado no Brasil, e acima de tudo, o porquê de tais processos contestatórios. O que justifica a elaboração deste ensaio é que apesar do patriarcado, há algum espaço para a contestação e é preciso evidenciá-la. As mulheres camponesas, silenciosamente, articularam lutas em espaços em que a vigilância absoluta e a normatização não conseguem preencher. E, percebe-se que as lutadoras dos tempos atuais, parecem teimar em ser as bruxas que a inquisição não conseguiu assassinar. Devido a este fato, a importância de mostrar que a resistência está sempre presente enquanto houver formas de opressão. Metodologicamente as análises são oriundas de coleta de dados e registros em diário de campo fruto de participação em reuniões e processos de lutas do Movimento de Mulheres Camponesas, bem como de observações e conversas informais com militantes do Movimento no período de 2003 a 2009. Foi efetuado, também, pesquisas bibliográficas, especialmente para fundamentar elementos históricos, baseadas em autores e autoras comprometidos (as) com a luta no campo popular e feminista. Além disso, serviu como subsídio, anotações a partir de do que foi divulgado, pela imprensa, sobre as lutas das mulheres da Via Campesina, referentes a data do oito de março dos últimos quatro anos. Como resultados preliminares pode-se afirmar que as mulheres camponesas fortalecem processos de luta a partir de suas organizações e se insurgem da invisibilidade. Dessa forma, inauguram tentativas de fazer eclodir novas culturas e novos sujeitos, redescobertos pela luta feita por si mesmas. Rompem com estereótipos em vista do que a própria história patriarcalista tem apresentado como sendo verdade quase indiscutível. Elas foram assumindo suas próprias identidades para além dos documentos pessoais que tiveram acesso após a Constituição Federal de 1988. Com o impulso proporcionado por parte de igrejas progressistas, entenderam que deveriam ir além de coordenar trabalhos pastorais à reivindicação de seus direitos, fazer passeatas nas ruas e ocupar espaços públicos. Na década de 80 as mulheres camponesas não se diziam feministas até porque ainda não tinham acesso a compreensão do significado desta palavra. Afirma-se que muitas foram feministas sem saber que o eram. Somaram-se em lutas conjuntas entre mulheres de movimentos sociais diferentes, e, alguns anos depois, ousaram desafiar o capital e o patriarcado, fato que criou grande espanto, e de invisíveis, passaram a ser consideradas “vândalas,” “terroristas” e “criminosas”.



O ato das mulheres da Via Campesina em março de 2006, pareceu ousado demais porque rompeu o silêncio das mulheres e da legitimação dos monocultivos. Se afirma, pelo que se evidenciou, que na repressão, há também espaços para as contradições desta. E, parece que de onde não se esperava, ou, se acostumou com o maior silêncio, estão eclodindo os maiores ruídos.

¹ Mestranda em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, Brasil – UNIJUI, graduada em pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, camponesa, militante do Movimento de Mulheres Camponesas. isauraconte@yahoo.com.br

² Pedagoga e mestranda em Educação nas Ciências pela Unijui.